

O cálice

ALMA EROS

A chuva benéfica e abundante cai dos céus
Mitigando a sede da terra.
Assim também, o Amado faz chover sobre os homens
Os poderes e as bênçãos.
No entanto, choras e desesperas...
Porque não recolheste a tempo a tua parte?
— Nada vi — responderás...
E' porque teus olhos estavam nevoados na atmosfera do [sonho].
O Senhor passa todos os dias,
Distribuindo os dons celestiais,
Mas as ânforas do teu coração vivem transbordando de [substâncias estranhas].
Aqui, guardas o vinagre dos desenganos,
Acolá, o envenenado licor dos caprichos.
O Amado é incapaz de violentar a tua alma.
Seu carinho aguarda a confiança espontânea,
Seu coração freme de júbilo,
Na expectativa de entregar-te os tesouros eternos...
Mas, até agora,
Persegues a fantasia e alimentas furiosamente a ilusão.
Todavia, o Amado espera.
E dia virá,
Na estrada longa do destino,
Em que estenderás ao seu amor infinito
O cálice do coração lavado e vazio.

— 44 —

O irmão

ALMA EROS

Porque ajuízas com ironia,
Sobre as obscuridades do irmão que sobe dificilmente a [montanha]?
Quando atravessava a floresta
O pobrezinho julgou que o Amado lhe falava à mente [pela voz do trovão]
E lhe erigiu altares
Enfeitados de flechas.
Depois,
Quando penetrou noutros círculos,
Acreditou que o Senhor pertencia sómente ao seu grupo
E que as outras comunidades humanas eram condenadas...
Lutou, sofreu, feriu-se em dolorosas experiências.
O Amado, porém, jamais o deserdou por isso.
Deu-lhe novas forças,
Concedeu-lhe oportunidades diferentes.
Por vezes,
Buscou-o no fundo dos abismos,
Como pai carinhoso,
Em busca da criancinha abandonada.
De tempos a tempos,
Fê-lo dormir no regaço,
Ao influxo do bendito esquecimento,

— 45 —

Para que o sol do trabalho lhe sorrisse outra vez.
Não observas em seu caminho áspero a tua própria
história?
Não atormentes com palavras amargas o irmão que se
eleva

Laboriosamente,
Dando ao mundo o que possui de melhor.
Ama-o, faze-lhe o bem que possas.
Se já atingiste
Algum topo de colina,
Contempla as culminâncias que te aguardam
Entre as nuvens;
E estende as mãos fraternas
Aquele que ainda não pode ver o que já vês.

Depois da festa

ÁLVARO TEIXEIRA DE MACEDO

Alvaro Teixeira de Macedo nasceu no Recife
em 13 de Janeiro de 1807 e desencarnou em 7 de
Dezembro de 1849, na Bélgica, onde era encarre-
gado dos negócios do Governo Imperial do Bra-
sil. Publicou, em livro, um poema heróico-burles-
co — *A Festa de Baldo*.

Não te entregues na Terra à vil mentira,
Desfaze a teia da filácia humana,
Que a Morte, em breve, humilha e desengana
A demência da carne que delira...

O gozo desfalece à própria gana,
Toda vaidade ao báratro se atira,
Sob a ilusão mendaz chameja a pira
Da verdade, celeste, soberana.

Finda a festa de baldo riso infando,
A alma transpõe o túmulo chorando,
Qual folha solta ao furacão violento.

E quem da luz não fêz templo e guarida,
Desce gemendo, de alma consumida,
Ao turbilhão de cinza e esquecimento.